SistemaOCB

ANÁLISE
ECONÔMICA

Edição 2 - Ano 5 | Fevereiro de 2024

DAVOS 2024: PANORAMA E ASSUNTOS-CHAVE

O Fórum Econômico Mundial de Davos 2024 reuniu líderes mundiais, acadêmicos e especialistas de diversas áreas para dialogar sobre desafios e oportunidades globais, focando em temas como segurança, sustentabilidade, inteligência artificial, e fomento ao crescimento econômico e geração de empregos. O evento abordou quatro temas principais:

- reforço da segurança e cooperação em meio a tensões geopolíticas;
- estratégias ambientais e climáticas para um futuro sustentável;
- o impacto e as implicações da inteligência artificial na economia e na sociedade;
- e abordagens inovadoras para estimular o crescimento econômico e a criação de empregos.

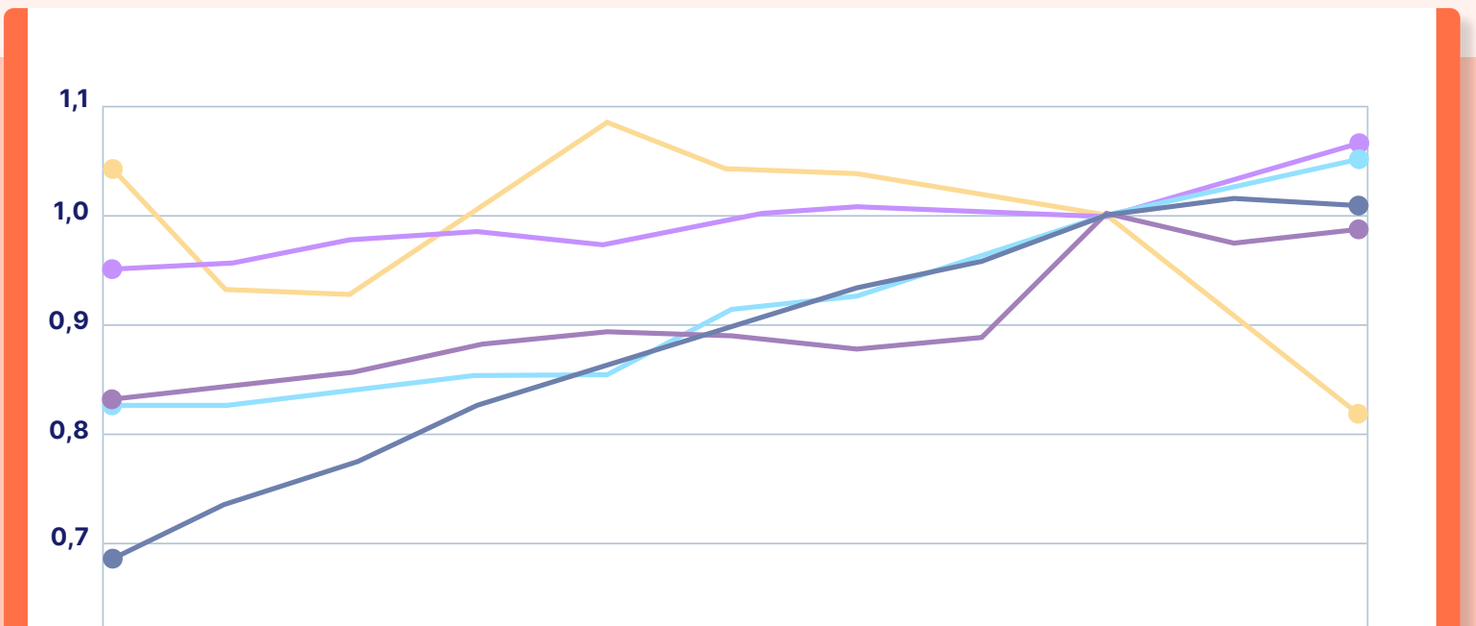
Estes tópicos destacam a necessidade de adaptação e inovação frente aos desafios interconectados do mundo, oferecendo um roteiro para cooperativas se adaptarem e prosperarem em um ambiente em constante evolução. Neste boletim, abordamos os destaques de cada ponto, visando trazer insights importantes de publicações e painéis do evento e reunindo informações relevantes ao cooperativismo para o aproveitamento das dinâmicas atuais e futuras.

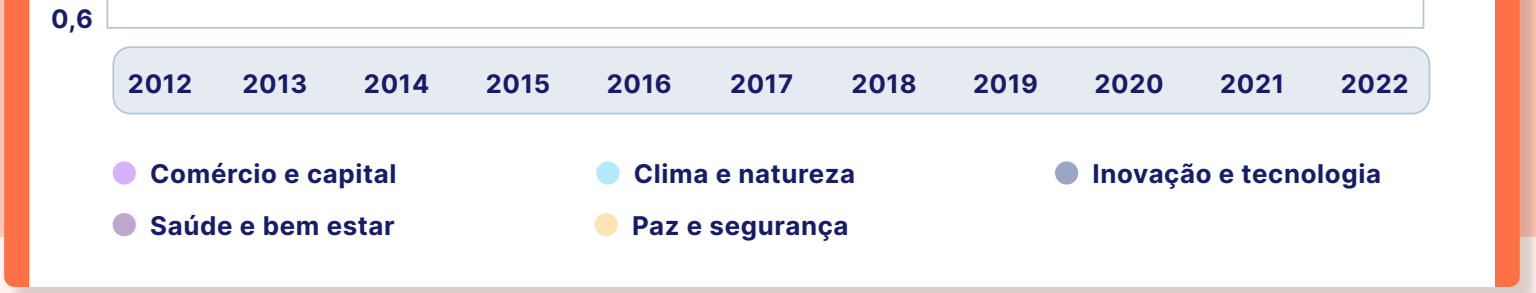
ALCANÇANDO A SEGURANÇA E A COOPERAÇÃO EM UM MUNDO FRATURADO

Com a crescente necessidade de sinergia global, o Fórum Econômico Mundial de 2024 serviu como uma plataforma essencial para que líderes globais, acadêmicos e especialistas debatessem estratégias para promover a segurança e a cooperação em um cenário mundial fragmentado. Este tópico explorou os desafios e as oportunidades para fomentar a paz, a segurança e a colaboração em um contexto geopolítico complexo e carregado. As conversas se concentraram em temas como tensões geopolíticas, conflitos regionais, fortalecimento da democracia, comércio internacional e cooperação multilateral.

Um dos pontos altos foi a introdução do Barômetro de Cooperação Global, uma inovação conjunta do Fórum Econômico Mundial e da McKinsey & Company. Essa ferramenta inovadora avalia a intensidade da cooperação internacional através de cinco eixos críticos: comércio e investimentos, inovação e tecnologia, gestão climática e recursos naturais, saúde pública, e manutenção da paz e segurança.

ÍNDICES GLOBAIS DE COOPERAÇÃO POR EIXO





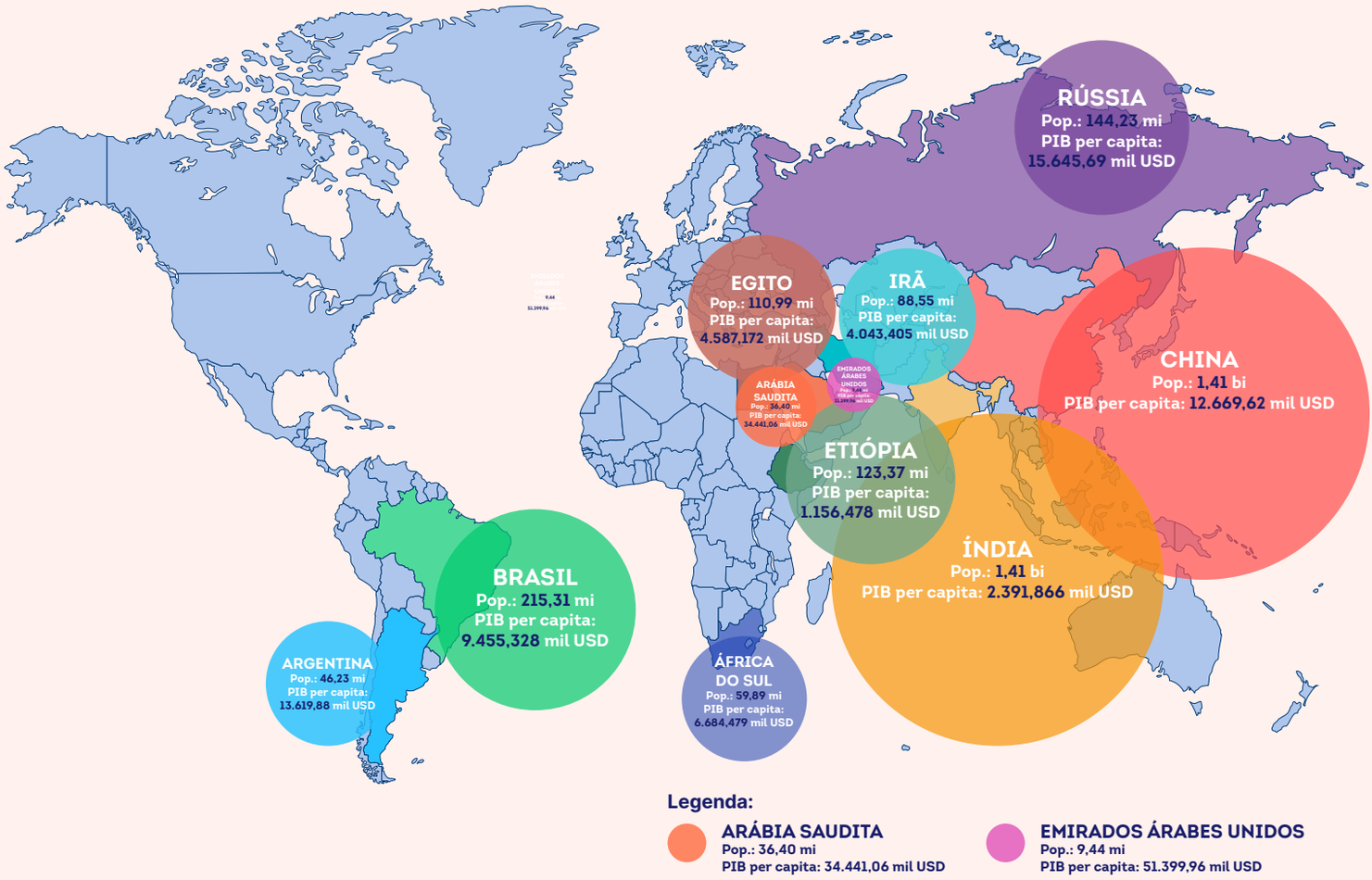
Fonte: McKinsey & Company. Ano-base: 2020

O estudo revela um ponto de inflexão na cooperação global, que, após uma trajetória majoritariamente ascendente na última década, enfrenta ameaças de retrocesso a partir de 2020. Nota-se uma queda nas áreas da saúde e bem-estar e de paz e segurança, ao passo que inovação e tecnologia encaram obstáculos significativos. Na contramão, a área de clima e recursos naturais registra um avanço contínuo em cooperação, motivado por compromissos coletivos. Diante deste cenário, é necessário que líderes empresariais e governamentais repensem as estratégias de colaboração para esta nova era, adotando a prática da "coopetição" — uma fusão entre cooperação e competição. Esse equilíbrio estratégico visa promover interesses comuns em domínios específicos, mesmo diante de divergências em outros setores. Além disso, esses esforços de cooperação podem servir como alicerce para o desenvolvimento de confiança mútua, essencial para ampliar a colaboração em outras áreas críticas.

Outro ponto importante foi a discussão sobre a crise na Ucrânia, iniciada há dois anos. O presidente ucraniano, Volodymyr Zelenskyy, apelou à comunidade global, incentivando as nações comprometidas com a paz e o direito internacional a se unirem em uma cúpula de paz a ser realizada na Suíça. A defesa da frente unida da Europa foi um tema recorrente. Líderes juntaram-se para discutir a importância da solidariedade europeia e a necessidade de uma resposta coletiva aos desafios de segurança. Esta discussão destacou a importância da cooperação regional e a necessidade de uma abordagem unificada para enfrentar as ameaças à segurança. Embora tenham surgido divisões em questões como gastos com defesa e engajamento com os EUA, o suporte à Ucrânia manteve-se como consenso.

Outro aspecto importante discutido foi o papel das potências médias e dos agrupamentos regio-nais, como a ASEAN e os BRICS, na promoção da colaboração global em um mundo multipolar. No painel “BRICS em Expansão”, foram abordadas implicações da inclusão de países adicionais, como Arábia Saudita, Etiópia, Irã, Egito, Emirados Árabes Unidos e, inicialmente, a Argentina no grupo.
Essa expansão marca uma evolução significativa para o BRICS, transformando-o em um poderoso conglomerado econômico que representa quase metade da população mundial e uma parcela substancial das exportações globais. As discussões no painel centraram-se no potencial papel do BRICS em remodelar a paisagem econômica e geopolítica global, considerando os diversos interesses e políticas econômicas de seus países membros.

O NOVO BRICS REPRESENTA 36% DO PIB MUNDIAL E 46% DA POPULAÇÃO DO PLANETA



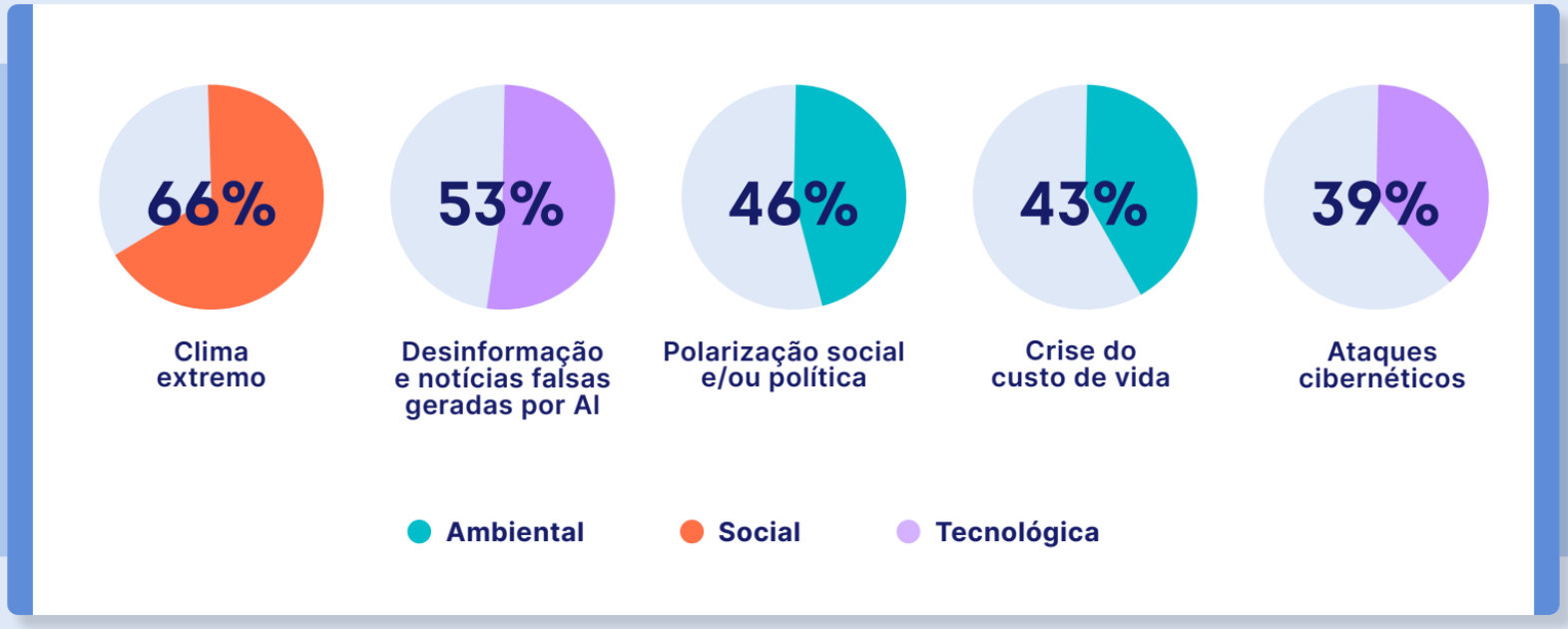
Fonte: FMI, Banco Mundial, dados 2022

Os pontos-chave da conversa incluíram o compromisso do grupo em promover o comércio Sul-Sul e abordar desafios econômicos globais, como a inflação. Enfatizou-se a agenda unida do grupo para o desenvolvimento, cooperação econômica e o potencial de se tornar um importante player em setores como energia renovável. Os painelistas enfatizaram o foco econômico, em vez de político, do BRICS. Eles destacaram o compromisso coletivo com o comércio global e o crescimento econômico, sublinhando o potencial do BRICS de contribuir positivamente para a economia global por meio de iniciativas como desenvolvimento de infraestrutura e projetos de energia sustentável. A expansão do BRICS foi vista como um passo em direção a uma maior colaboração econômica e como uma plataforma para abordar desafios globais-chave, refletindo a crescente importância das economias emergentes na ordem econômica global.

UMA ESTRATÉGIA A LONGO PRAZO PARA O CLIMA, A NATUREZA E A ENERGIA

Este tema focou na necessidade de uma estratégia de longo prazo para lidar com as mudanças climáticas, a perda de biodiversidade e a transição para uma economia de baixo carbono. Líderes de todo o mundo discutiram como podemos desenvolver uma abordagem sistêmica a longo prazo para alcançar os objetivos de um mundo neutro em carbono e positivo para a natureza até 2050, garantindo que o acesso à energia, alimentos e água seja equitativo, seguro e inclusivo.

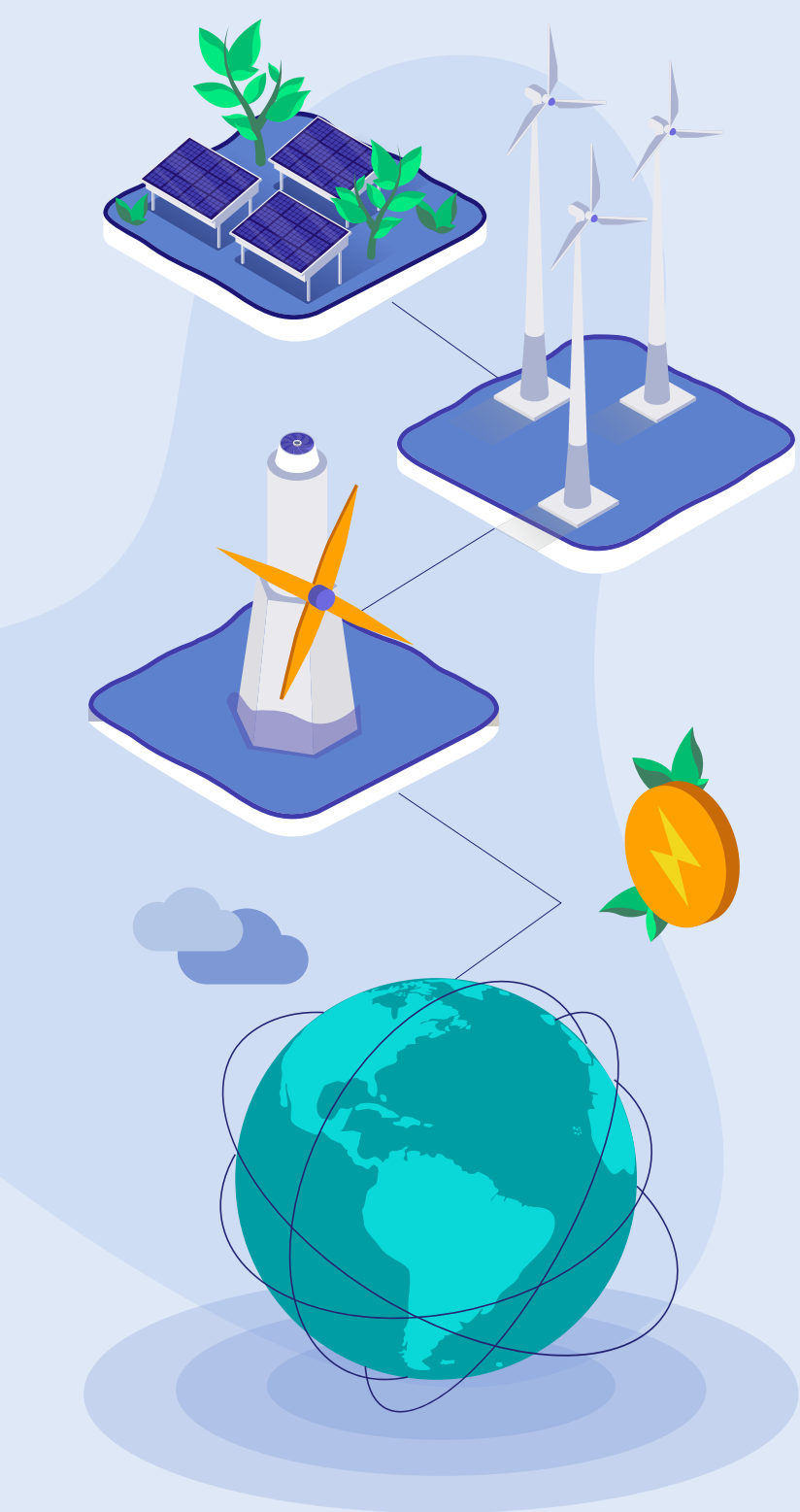
Um momento relevante foi a divulgação do Relatório de Riscos Globais 2024, enfatizando as mudanças climáticas como o principal risco para a economia global na próxima década. Este documento sublinha a necessidade de ações climáticas ambiciosas e coordenadas, delineando os perigos econômicos associados às alterações climáticas. Há quase duas décadas, a Pesquisa de Percepção de Riscos Globais (GRPS) fundamenta este relatório. Para o período 2023-2024, a GRPS coletou opiniões de 1.490 especialistas de vários campos, visando avaliar 34 riscos globais em períodos de um, dois e dez anos. Este ano, o relatório também integra dados da Pesquisa de Opinião Executiva do Fórum para identificar ameaças específicas a cada país nos próximos dois anos. Análises de especialistas e contribuições qualitativas de uma extensa rede de profissionais complementam a pesquisa.



Fonte: Fórum Econômico Mundial - Relatório de Riscos Globais 2024

O Relatório de Riscos Globais 2024 indica um agravamento do cenário global, com destaque para riscos ambientais como eventos climáticos extremos. Revela uma divisão nas percepções de urgência ambiental entre diferentes faixas etárias e setores, alertando para o risco de ultrapassarmos pontos críticos climáticos. Riscos adicionais incluem a polarização social e a disseminação de desinformação, com impacto potencial nas eleições de países chave. As tensões econômicas foram enfatizadas, especialmente para nações de baixa e média renda, citando a crise do custo de vida, inflação e recessões. O relatório alerta para a crescente disparidade digital e econômica entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. Adicionalmente, a evolução tecnológica e as tensões geopolíticas podem gerar novos desafios de segurança, incluindo conflitos armados e o uso da inteligência artificial em decisões de conflito.

Para o Brasil, os principais riscos identificados via pesquisa foram desaceleração econômica, inflação, dívida pública, censura e desigualdade de renda. Apesar dos desafios, o relatório aponta oportunidades para mitigar riscos através de estratégias localizadas, colaboração entre os setores público e privado e cooperação internacional. Também ressalta a importância de investimentos em pesquisa e desenvolvimento, bem como ações coletivas para gerenciar riscos globais e promover um futuro mais seguro e próspero.



Outro ponto de destaque foram os debates sobre a transição energética. Líderes da indústria de energia participaram de uma discussão sobre as oportunidades e os desafios associados à transição para uma matriz energética mais limpa e sustentável. Os líderes concordaram que esta transição deve ser rápida, responsável e justa, levando em conta as questões de licenciamento, uso da terra, aceitação pela comunidade, biodiversidade e impacto social. John Kerry, O Enviado Presidencial Especial para o Clima dos Estados Unidos, afirmou que a eliminação progressiva dos combustíveis fósseis seria não só essencial, mas também inevitável.

O painel “Avançando na Transição Energética” no Fórum Econômico Mundial de Davos apresentou diversas perspectivas sobre o avanço da transição energética global. Moderado por Meghan O’Sullivan da Universidade de Harvard, o painel incluiu líderes como Alexandre Silveira, Ministro de Minas e Energia do Brasil, juntamente com outros especialistas de vários setores.

A discussão começou com uma visão geral dos aspectos ambientais e de execução da transição energética. Houve ênfase tanto no progresso realizado quanto nos desafios futuros, particularmente em equilibrar o objetivo limite de aquecimento global de 1,5°C com as tendências atuais. A conversa destacou os recordes de investimentos em energia limpa, observando a lacuna significativa ainda existente para atingir as metas necessárias.

Alexandre Silveira

Ministro de Minas e Energia
do Brasil e Comércio (MDIC)

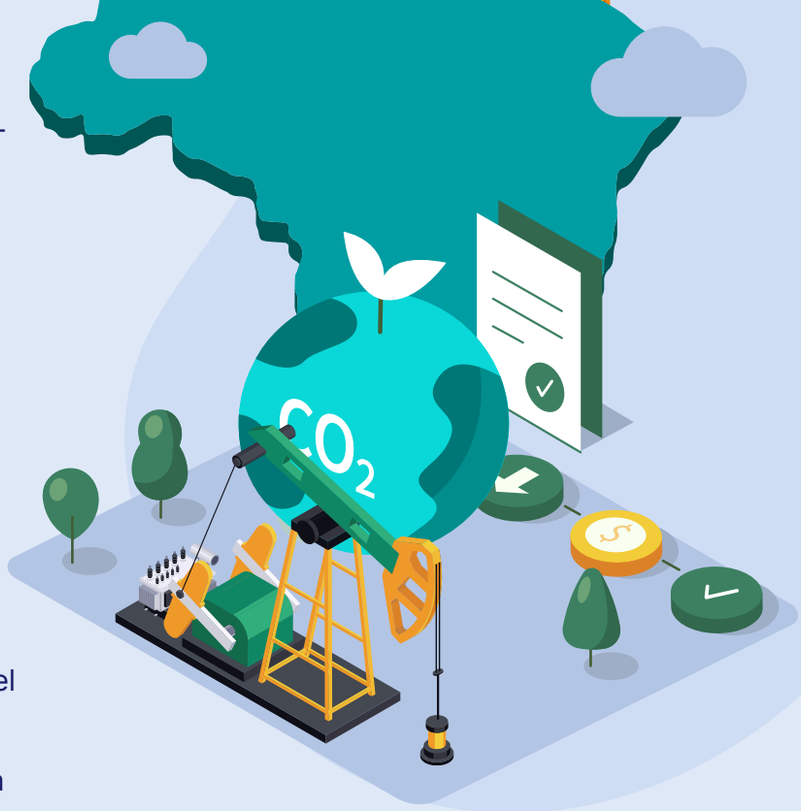
> Alexandre Silveira delineou o robusto progresso do Brasil na transição energética sob a liderança do Presidente Lula, enfatizando o compromisso do país com uma mudança energética justa e inclusiva. Destacando a matriz energética limpa e renovável do Brasil, Silveira citou as vantagens naturais da nação e as conquistas recentes na expansão de sua capacidade de energia renovável. Ele enfatizou a importância de discussões internacionais transparentes, especialmente com países industrializados, para acelerar de maneira equitativa a transição energética. Silveira também defendeu o uso de créditos de carbono para incentivar a redução das emissões de CO2, argumentando por uma abordagem coletiva no ecossistema global.

Especialistas em conservação discutiram as ameaças à biodiversidade e as soluções possíveis. Os participantes enfatizaram a importância de políticas de conservação eficazes e a necessidade de ação coletiva para proteger a biodiversidade. As florestas representam um terço do potencial de sequestro de carbono para enfrentar a crise climática e trazem muitos benefícios locais. A primatóloga Jane Goodall participou de uma discussão sobre como salvaguardar as florestas e os ecossistemas costeiros e proteger os meios de subsistência locais.

O Brasil também se fez presente no painel “Encontrando um Equilíbrio para a Amazônia”, incluindo Marina Silva, Ministra do Meio Ambiente e Mudança Climática do Brasil; Luciano Huck, apresentador na Rede Globo; Ilan Goldfajn, Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento; Helder Barbalho, Governador do Estado do Pará; Gustavo Petro, Presidente da Colômbia; e Fany Kuiru, Coordenadora Geral da COICA, que abordaram os desafios críticos e oportunidades dentro da região Amazônica. A discussão destacou a importância de uma abordagem multifacetada para a conservação da Amazônia, ressaltando a necessidade de colaboração entre os setores governamental, indígena e financeiro para promover o desenvolvimento sustentável e proteger a biodiversidade.

Fany Kuiru defendeu o reconhecimento e envolvimento dos povos indígenas nos processos de tomada de decisão, enfatizando seu papel crucial como guardiões da Amazônia e a necessidade de criar mecanismos financeiros que apoiem os esforços das comunidades indígenas em direção à preservação e desenvolvimento sustentável. Ilan Goldfajn detalhou o crescente investimento do BID em iniciativas ambientais, destacando a importância do esforço coletivo para combater

o desmatamento e as mudanças climáticas. Ele introduziu o conceito do Centro da Amazônia, voltado para coordenar diversas iniciativas de proteção da Amazônia, e discutiu o desenvolvimento de uma bioeconomia como meio de aproveitar os recursos da Amazônia de forma sustentável.



Marina Silva e Gustavo Petro discutiram as implicações mais amplas da conservação da Amazônia, tocando nas dimensões éticas e estratégicas da dependência de combustíveis fósseis e na necessidade de colaboração internacional e estratégias financeiras inovadoras para facilitar a transição para um modelo econômico sustentável e equitativo para a Amazônia e seus habitantes. O painel enfatizou coletivamente o papel crítico da Amazônia no equilíbrio ecológico global e a urgente necessidade de ações que garantam sua preservação e o bem-estar de suas diversas comunidades.

No cenário global de mudanças climáticas, o Brasil enfrenta o desafio de reduzir suas emissões de gases de efeito estufa. Neste contexto, o *White Paper* do Fórum "Descarbonização dos setores de aço, alumínio e aviação no Brasil", resultante de um workshop realizado pela First Movers Coalition (FMC) em outubro de 2023, torna-se relevante. Mais de 100 participantes, incluindo representantes de diferentes setores, instituições financeiras, governo e sociedade civil, se reuniram para discutir estratégias e soluções, com o objetivo de identificar oportunidades e superar desafios na transição para tecnologias de baixa ou quase zero emissão nesses setores críticos do país.

O Brasil, com sua matriz energética limpa, vastos recursos naturais e experiência em mineração e produção, tem o potencial de liderar a produção de produtos de baixo carbono. No entanto, barreiras precisam ser vencidas. Falta de demanda e disposição para pagar um prêmio por produtos verdes, acesso a financiamento acessível, escassez de sucata e dificuldades na implantação de tecnologias como a captura e armazenamento de carbono (CCUS) e o hidrogênio verde são alguns dos obstáculos.

A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FORÇA MOTRIZ PARA A ECONOMIA E A SOCIEDADE

O potencial da inteligência artificial (IA) para impulsionar o crescimento econômico e o progresso social foi explorado no Fórum, com abordagens sobre o uso da inteligência artificial para melhorar a produtividade, a inovação, a inclusão e o bem-estar, ao mesmo tempo que se abordam os desafios éticos, regulatórios e de governança.

Um dos pontos de destaque foi o impacto da inteligência artificial no futuro do trabalho. Segundo o FMI, quase 40% do emprego a nível mundial está exposto à IA, número que aumenta para 60% nas economias avançadas. Outro ponto importante foi o potencial da inteligência artificial para a adaptação climática. A IA oferece novas formas de inteligência para se adaptar e criar resiliência nas comunidades e empresas. A sessão identificou um conjunto de tecnologias digitais e baseadas em dados emergentes como ferramentas de missão crítica para a adaptação climática, como sistemas de alerta precoce alimentados por IA, otimização da cadeia de abastecimento, previsões agrícolas e muito mais.

O painel “Pensando através da amplificação” discorreu sobre o futuro do trabalho frente à IA, com Saadia Zahidi, diretora-gerente do Fórum, destacando o potencial da tecnologia e dos grandes

modelos de linguagem (LLMs) para impactar 40% das tarefas em vários empregos. A análise, que desmembrou 800 empregos em 19.000 tarefas, teve como objetivo entender o potencial para automação e ampliação, iniciando um debate sobre como a IA poderia remodelar a força de trabalho. Com líderes da indústria e especialistas, o painel explorou o papel da IA em aprimorar funções de trabalho, melhorar a produtividade e o potencial para uma mudança cultural significativa em direção a um trabalho mais criativo e significativo.

A discussão também abordou preocupações sobre o deslocamento de trabalhadores e as implicações éticas da IA no local de trabalho. Representantes da UNI Global Union e da Deloitte enfatizaram a necessidade de uma abordagem equilibrada para a adoção da IA, garantindo que os trabalhadores não sejam deixados para trás e que os benefícios da IA sejam distribuídos de forma equitativa.
O conceito de uma semana de trabalho de quatro dias foi mencionado como um resultado potencial do aumento da produtividade, destacando a importância de repensar as estruturas de trabalho e o equilíbrio entre trabalho e vida na era da IA.

A necessidade de privacidade de dados, o uso ético da IA e a importância da confiança e transparência nas aplicações da IA foram sublinhados. Com a IA já criando empregos e melhorando a tomada de decisões, os painelistas pediram liderança, treinamento e regulação responsável para navegar os desafios e oportunidades apresentados pela IA. O tema abrangente foi o potencial transformador da IA, não apenas em termos de avanço tecnológico, mas também em promover uma força de trabalho mais criativa, eficiente e centrada no humano.

No painel “O mundo em números: Trabalho”, Saadia

Zahidi apresentou uma visão geral da paisagem em evolução do emprego global, com foco em inteligência artificial, sustentabilidade e incerteza econômica. As percepções de Zahidi, extraídas do Relatório Futuro dos Empregos, destacaram o impacto misto dos avanços tecnológicos na força de trabalho, sugerindo um resultado líquido positivo da transição verde, mas um cenário mais complicado com a tecnologia devido ao deslocamento de empregos e à criação de novos papéis. A volatilidade econômica foi identificada como um risco significativo, afetando o futuro dos empregos. O relatório, baseado em uma pesquisa com mais de 800 empresas cobrindo 11 milhões de empregados em 40 economias, prevê uma rotatividade de 23% nos empregos até 2027, sublinhando a necessidade de adaptação no mercado de trabalho global.

Erik Brynjolfsson, de Stanford, enfatizou o potencial da IA para transformar a produtividade em vários setores. Ele traçou o desenvolvimento da IA de tecnologias preditivas para gerativas, ilustrando como os avanços estão remodelando tarefas e papéis de trabalho em indústrias. A abordagem baseada em tarefas de Brynjolfsson, que examina a suscetibilidade de 950 ocupações à IA, revela uma paisagem em mudança onde papéis criativos e profissionais são cada vez mais impactados pela IA. Essa análise destaca a importância de entender tarefas específicas de trabalho para navegar eficazmente na transformação da força de trabalho impulsionada pela IA. As percepções de Brynjolfsson sugerem um foco estratégico na automação, defendendo uma abordagem equilibrada que aprimora a produtividade enquanto preserva oportunidades de emprego.

Os painelistas coletivamente destacaram o papel crítico do aprendizado contínuo e do desenvolvimento de habilidades na adaptação ao mercado de trabalho em rápida mudança. Eles argumentaram para alavancar a IA não apenas para eficiência operacional, mas também para fins educacionais, enfatizando a aprendizagem personalizada como uma ferramenta para a requalificação e aprimoramento da força de trabalho. A discussão sublinhou a necessidade de repensar os modelos tradicionais de emprego e sistemas de educação para se alinhar com o ritmo da inovação tecnológica. A conversa concluiu com um apelo à ação para empresas e indivíduos se engajarem proativamente com tecnologias de IA para aproveitar os ganhos de produtividade, ilustrando uma narrativa mais ampla de transformação e adaptação diante da IA e avanços tecnológicos.

CRIANDO CRESCIMENTO E

EMPREGOS PARA UMA NOVA ERA

Este tema focou nas estratégias para promover o crescimento econômico e a criação de empregos em um mundo em rápida transformação. A economia global está passando por mudanças significativas, e o Fórum proporcionou uma plataforma para discutir a criação de crescimento e emprego para uma nova era. O debate tratou de como podemos impulsionar a recuperação econômica pós-pandemia, ao mesmo tempo que abordamos as desigualdades, lacunas de competências e as oportunidades emergentes.

Uma publicação de destaque é o Relatório sobre o Futuro do Crescimento 2024, que fornece uma visão abrangente do estado atual do crescimento econômico global, destacando as áreas em que os países estão se saindo bem e onde há espaço para melhorias. O crescimento global tem sido mais lento na última década em comparação com as anteriores, e a recuperação pós-pandêmica está perdendo ímpeto.

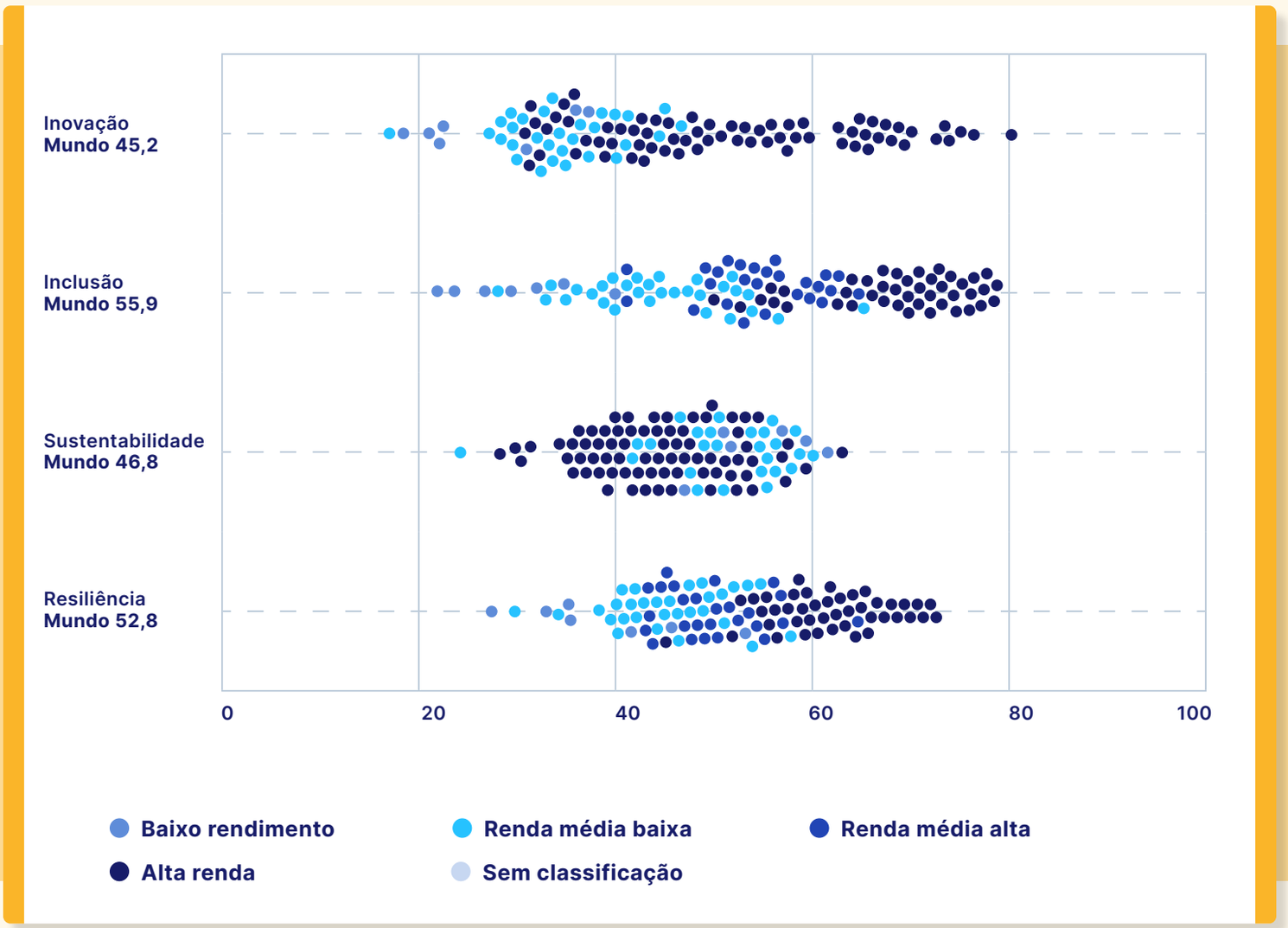
Entre 2018 e 2023 - em média - o PIB (em termos de paridade de poder de compra) das economias de alta renda cresceu 1,4% ao ano nas economias apresentadas no relatório, 2,2% nas economias de renda média alta, 3,1% nas economias de renda média baixa e 3,1% nas economias de baixa renda. O PIB global total hoje é maior do que o nível pré-pandêmico, mas as taxas de crescimento em 2023 permanecem abaixo de 4% em todos os grupos de renda.

Os países diferem consideravelmente em termos de prioridades políticas estabelecidas, bem como de resultados da implementação das políticas. As médias globais traçam um quadro misto da trajetória do mundo em direção a um crescimento inovador, inclusivo, sustentável e resiliente. Destas métricas, a inovação é a dimensão que atinge a pontuação global mais baixa (com uma média global de 45,2 em 100). A média global da dimensão sustentabilidade é 46,8 em 100, enquanto as médias globais das dimensões inclusão e resiliência são 55,9 em 100 e 52,8 em 100, respectivamente. Em nível individual, nenhuma economia atingiu uma pontuação de pilar superior a 80 em qualquer uma

das quatro dimensões da estrutura, onde 100 é o resultado teórico máximo possível.

O acesso generalizado a serviços básicos, além de uma proteção social adequada, será fundamental para o crescimento inclusivo nas economias desenvolvidas e em desenvolvimento. A média global do pilar Inclusão é 55,9, com diferenças marcantes de resultados entre os grupos de renda. A média de crescimento inclusivo das economias de alta renda (68,9) é mais do que o dobro da das economias de baixa renda (30,0) e cerca de 50% maior do que a das economias de renda média baixa (44,8), destacando uma forte correlação entre os níveis de renda per capita e os resultados de inclusão.

PONTUAÇÃO DE PAÍSES EM DIMENSÕES DE CRESCIMENTO – COLORIDO POR RENDA



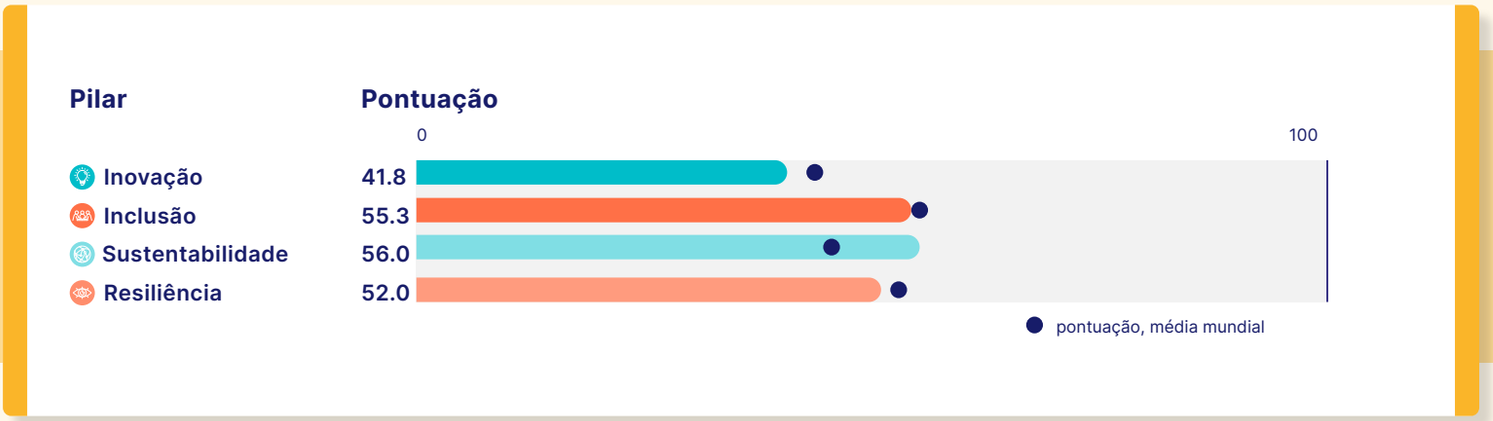
Fonte: The Future of Growth Report 2024 – WEF

No âmbito da sustentabilidade, os compromissos institucionais ainda não se traduziram em uma incorporação sistêmica da redução de emissões nos modelos de crescimento. A média global do pilar

Sustentabilidade é 46,8, pois a maioria dos países continua a crescer de maneiras que não estão alinhadas com as metas climáticas. As tendências dos grupos de renda para este pilar divergem das outras três dimensões do Futuro da Estrutura de Crescimento, com as economias de baixa renda (52,7) e as de renda média baixa (50,0) apresentando, em média, um crescimento mais alinhado à sustentabilidade em comparação com o resto do mundo, compensando um desempenho mais fraco em finanças verdes e tecnologia devido ao menor uso de recursos até o momento. As economias de alta renda (45,8) e as de renda média alta (44,0), por outro lado, compensam parcialmente as maiores emissões com um desempenho mais forte em tecnologia ambiental.

A média global do pilar Resiliência é 52,8, com diferenças de resultados mais moderadas entre os grupos de renda dos países em comparação com os pilares Inovação e Inclusão. Os países de alta renda apresentam o desempenho de crescimento resiliente mais forte (61,9), seguidos pelos países de renda média alta (50,0) e pelos países de renda média baixa (45,8) em relativa proximidade. Os países de baixa renda apresentam o crescimento menos resiliente (39,0).

DESEMPENHO DO BRASIL – INDICADORES DE CRESCIMENTO



Fonte: The Future of Growth Report 2024 – WEF

O Brasil se encontra aquém da média em todos os indicadores exceto sustentabilidade, onde apresentou vantagem significativa. Este resultado se deu principalmente pelo subitem de investimento em energia renovável.

A sessão informativa dos economistas-chefe do Fórum Econômico Mundial para 2024 apresentou uma mistura de otimismo e cautela em relação às perspectivas econômicas globais. Os painelistas de diversas regiões, incluindo Ludovic Subran da Allianz Alemanha, Karen Harris da Bain & Company nos Estados Unidos e Mario Mesquita do Itaú Unibanco no Brasil, compartilharam suas visões sobre crescimento, inflação e o impacto da inteligência artificial na economia. A perspectiva dos Economistas-Chefe destacou uma alta incerteza, com 56% dos economistas prevendo um enfraquecimento da economia global, enquanto 43% preveem condições inalteradas ou mais fortes. Preocupações-chave incluíram a potencial queda no crescimento global para 2,9% em 2024, previsões variadas de crescimento regional e o papel significativo das políticas industriais e fiscais na formação da paisagem econômica.

A discussão aprofundou-se em perspectivas regionais específicas, com expectativas de crescimento mais forte no Sul da Ásia e no Leste da Ásia, expectativas moderadas para a China e preocupações sobre crescimento fraco na Europa e turbulências nos EUA e no Oriente Médio e Norte da África. Os painelistas discutiram também o papel crítico da política fiscal e dos motores de crescimento doméstico, enfatizando os desafios e oportunidades apresentados pelas condições econômicas atuais. O impacto potencial da eleição nos EUA nos mercados globais foi notado, com foco particular na importância da formulação de políticas para navegar as complexidades de 2024.

A sessão informativa explorou ainda as implicações dos avanços tecnológicos, particularmente a inteligência artificial, na produtividade econômica e no emprego. Enquanto se espera que a IA aumente a eficiência em economias de alta renda, seu impacto em economias em desenvolvimento permanece incerto. Os painelistas debateram o potencial da IA para perturbar setores comerciais e a importância de abordar os impactos sociais de tais mudanças tecnológicas. A discussão sublinhou a necessidade de equilibrar a inovação com a inclusão para garantir que os benefícios da IA e outras tecnologias sejam amplamente compartilhados pela economia global.

ENGAJE SUA COOPERATIVA NOS TEMAS DE DAVOS 2024

O Fórum Econômico Mundial de Davos 2024 destacou a importância da sustentabilidade, inovação e adaptação às mudanças globais, temas essenciais ao cooperativismo. Neste espírito, o Sistema OCB anuncia o início de um novo ciclo do AvaliaCoop a partir de 5 de fevereiro. Juntamente aos diagnósticos Identidade e Governança e Gestão oferecemos o diagnóstico ESG, que analisa a aderência a critérios ESG das coops e implementa soluções assertivas. Convidamos todas as cooperativas a participar para fortalecer

suas práticas ESG e alinhar-se às tendências globais discutidas em Davos. Ainda no tema, oferecemos o e-book "Especial ESG no cooperativismo", e uma série de conteúdos relacionados a cases destacados de cooperativas na pauta de sustentabilidade e da participação do cooperativismo na COP 28 na página Cooperação Ambiental. confira!

No domínio de inovação tecnológica, destacamos a importância da inteligência artificial (IA) no cenário atual. Na plataforma InovaCoop, oferecemos os guias práticos "Além do Chat GPT" e "Como usar inteligência artificial na prática", dedicados ao uso eficaz da IA. Este recurso está disponível junto a diversos exemplos de cases proporcionando às cooperativas ferramentas valiosas para navegar e aproveitar as oportunidades que a IA apresenta. Encorajamos a exploração destes recursos como guia para impulsionar a inovação, a sustentabilidade e a competitividade no contexto atual.

SistemaOCB
CNCOOP | OCB | SESCOOP

somoscoop

www.somoscooperativismo.coop.br

Em caso de dúvidas ou sugestões envie um e-mail para
nucleo@ocb.coop.br

Para visualizar edições anteriores, acesse o link:
https://materiais.somoscooperativismo.coop.br/analises-anteriores

sistemaocb